

Análise discursiva da reportagem “Faria tudo de novo”, diz vice que arrancou coroa de Miss Amazonas

Karen Dominique Rodrigues de Araújo
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Fez-se análise discursiva da reportagem “Faria tudo de novo”, diz vice que arrancou coroa de Miss Amazonas”, escrita por Camila Henriques e publicada na página G1 AM, dia 31 de janeiro de 2015. Ela trata sobre o posicionamento de Sheislane Hayalla quanto sua atitude no concurso de Miss Amazonas, realizado dia 30 de janeiro de 2015. Para a análise, foram observadas condições de produção do discurso, posições de sujeito, efeitos de sentidos, entre outros aspectos referentes ao funcionamento do discurso.

Palavras-chave: Discurso; Condições de produção; Ideologia; Sujeito; Efeito de sentido.

Abstract

Following will be a discursive analysis of the report " I would all over again," says vice that tore crown of Miss Amazonas ", by Camila Henriques, published in G1 AM page on 31 January 2015. It deals about positioning Sheislane Hayalla as his attitude in the contest Miss Amazonas on 30th January 2015. For this analysis will be subject to the speech production conditions, the subject positions, the effects of meanings, among other aspects relating to operation of speech.

Key - words: discourse, production conditions, ideology, subject, sense of purpose

Introdução

Foucault (2009) apud Fisher (2013) concebe o discurso como um lugar de luta por efeito de sentido e, desta forma, cabe ao analista do discurso expor essa luta, mostrando, assim, que a atribuição de sentido a qualquer objeto simbólico é um processo um pouco mais complexo e trabalhoso.

É possível encontrar nos enunciados batalhas, lesões, predomínios, submissões, entre outros tipos de relações. As coisas ditas almejam possuir “a verdade” e impô-la é uma questão de poder. Há ainda no discurso a mobilidade de posições de sujeitos, o que implica na não garantia da sobreposição de um dito. Analisar o sujeito do ponto de vista foucaultiano implica em examinar os seguintes aspectos: quem é esse sujeito? De onde e de que posição fala? Que autoridade possui para dizer isso?

Ao se realizar uma análise do discurso de determinado objeto, deve-se fazer a consideração das realidades que o constituem, como a sua historicidade, a sua materialidade, as posições de sujeitos ocupadas, entre outras.

Ideologia

A Análise do Discurso de linha francesa surge com Michel Pêcheux, o qual utiliza os conceitos desenvolvidos por Althusser para desenvolver a sua teoria sobre o discurso, mas especificamente, sobre como a ideologia afeta “a formação de sentidos dos enunciados” (SILVA, 2013, p. 72 *apud* OLIVEIRA, 2013).

Segundo Santos (2013), Althusser compreende que as formas materiais permitem a constituição da ideologia e dos indivíduos enquanto sujeitos sociais. Ao fazer esses indivíduos se posicionarem como sujeito, a ideologia gera um efeito de ilusão neles, que os fazem pensar que são livres.

Ainda em conformidade com Santos (2013), Pêcheux compreende a ideologia como um sistema injuntivo, gerador de contradição, de desigualdade e de subordinação. A sociedade humana é desigual; classes sociais distintas se embatem; ideologias se confrontam; e esses embates e confrontos atravessam o sujeito, o constituem, e, por conseguinte, se manifestam na linguagem, Fernandes (2008). Nisso, é possível ver variadas posições de sujeito na análise de discurso.

Efeito de sentido e condições de produção

Na Análise do Discurso, o sentido das palavras, das expressões, das falas, do texto, enfim, do já-dito, é compreendido como um efeito de sentidos, “efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução”, (FERNANDES, 2008, p.14). O autor citado anteriormente explana essa concepção, afirmando que o sentido atribuído a esses objetos discursivos são produzidos a partir das inscrições ideológicas de seus sujeitos. Acrescenta ainda que dependendo da inscrição ideológica de que fala, uma palavra tem determinado efeito de sentido. Ele diz:

Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam (FERNANDES, 2008, p.15).

Nesta concepção, a ideologia é um elemento estruturante e determinante. Ela determina o sujeito que produz o discurso, o qual, por sua vez, tem seus sentidos determinados por ela. Diante dessa percepção, Pêcheux se opôs às noções de metalíngua universal e de sujeito intencional e originador do dizer, Pêcheux (1997) *apud* Silva (2013).

A possibilidade do efeito de sentido ser outro mostra que o enunciado não tem um significado único, rígido, imutável, estático e eterno. Analisar o possível significado dele requer analisar a situação de interlocução, de enunciação, chamada na Análise do Discurso (A.D) de condições de produção, isto é, “as condições sócio-históricas e ideológicas de produção” (FERNANDES, 2008, p.15).

Conforme este autor, ela compreende tanto a situação quanto o sujeito participante dela. Ele explica que os sujeitos do discurso se encontram em lugares histórico-sociais, e que “ as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão” (FERNANDES, 2008, p.18-19). Daí a razão de se considerar esses aspectos para melhor compreender os efeitos de sentido.

Discurso e enunciados

Foucault (2009) *apud* Fisher (2013) descreve o discurso como um conjunto de enunciados pertencentes a um campo de saber específico. É dentro dele e segundo ele que um objeto se forma. A formação de objeto, de um enunciado é feita a partir de específicas regras históricas, condições de existência. Assim, as enunciações não devem ser pensadas como pertencentes a um sujeito, como se dele se originassem. Elas devem ser pensadas como oriundas de um discurso.

Foucault (2009) afirma que essas regras são específicas de um tempo e de um espaço, por isso são históricas, elas fazem parte realmente da história de uma sociedade, são anônimas. São essas regras que condicionam a forma de existência do enunciado, aquilo que pode e deve ser dito, e sob determinada maneira, segundo o campo discursivo ao qual ele pertence e por isso que ele é um acontecimento

Sujeito

A partir de Sônia Santos (2013) e das explicações feitas em sala de aula pelo professor Luiz Carlos Martins (2013), compreende-se que o sujeito pêcheuxtiano é o agente de determinada prática social, é o que ocupa essa posição. Ele é interpelado em

ocupar o lugar de sujeito, posiciona e se reconhece enquanto tal. Posiciona a partir de suas formações ideológicas e discursivas. Ao mesmo tempo em que ele é agente, é também paciente (assujeitado), pois sofre as injunções da ideologia.

Santos (2012) trata essa contradição do sujeito exposta por Pêcheux. Segundo os autores supracitados, em um mesmo sujeito pode haver a postura de um sujeito universal, que é aquele que se assujeita, quanto pode haver o sujeito da subjetivação, que é aquele que resiste. É possível notar essas mudanças de postura por meio das posições diversas ocupadas pelo sujeito em uma dada formação discursiva.

Ainda em consonância com esses autores, o sujeito não é um sujeito físico, mas uma posição ocupada no discurso. Para se constituir enquanto sujeito é necessária a forma-sujeito, que consiste em uma unidade imaginária que incorpora e dissimula componentes do interdiscurso no intradiscurso, fazendo com que se produza uma ideia de “unidade/evidência do sujeito”, (SANTOS, 2013, p.230). A tomada dessa forma permite o seu posicionamento como sujeito em uma formação discursiva com a qual se identifique. Santos relembra que todo este processo nem sempre ocorre de maneira consciente. Além disso, o sujeito pode se desidentificar com a sua formação discursiva e se identificar com uma outra; e constitui-se, a partir de outra forma-sujeito, (SANTOS, 2013, p. 230).

Fernandes (2008, p. 24) enfatiza que na compreensão do sujeito discursivo, deve-se considerar que ele é um “ser social”, pertencente a um lugar e a um tempo específico; e que a sua fala, além de expressar esses elementos constituidores de si e de seus discursos, expressa também as vozes participantes dessa conjuntura histórico-social.

Essas vozes podem ser distintas, advindas de diversos discursos e estão presentes na fala do sujeito discursivo. A esse conjunto de vozes dá-se o nome de polifonia, Fernandes (2008). Fernandes continua, afirmando que é devido à polifonia presente na constituição do sujeito, que se concebe a ideia de heterogeneidade, isto é, a diversidade de vozes caracteriza o sujeito e o discurso como heterogêneos. Não há homogeneidade dentro do discurso pelo fato dos sentidos dos enunciados estarem sempre se movimentando, o próprio discurso se movimenta em função disso, Fisher (2013). Ainda é possível que enunciados pertencentes a um mesmo campo discursivo entrem em conflito, se contradigam. Eles podem também se relacionar com outros discursos.

Nesse lugar de luta pela imposição de um sentido, de uma verdade, o indivíduo ou um grupo social é interpelado a ocupar a posição de sujeito de determinado enunciado.

Outras importantes características do sujeito discursivo que são necessárias para a compreensão do funcionamento do discurso referem-se aos esquecimentos. Pêcheux (1997) apud Fernandes (2008) confere ao sujeito dois esquecimentos. São eles: o número 2 - o sujeito se ilude, achando que controla o dizer e que é a origem dele - ; e o número 1 - o sujeito se ilude ao achar que tem o controle dos sentidos de suas falas.

Authier-Revuz (1990) apud Fernandes (2008) diz que o sujeito não sabe sobre a exterioridade social (outro) presente em si, presente no seu discurso. E, assim, ele se equivoca ao achar que é a origem do que diz e que controla os sentidos sobre o seu dizer. Authier-Revuz (1982) ainda disserta sobre o desejo (Outro) do social (outro) que se faz presente no discurso. Ele vem pelo inconsciente e se manifesta na linguagem. O desejo do outro (um desejo do social) vem como desejo do sujeito do discurso, e isso ocorre devido à formação do inconsciente dá-se no social, Fernandes (2008).

Formação discursiva

Fisher (2013) descreve a formação discursiva como um determinado campo, onde os enunciados se distribuem e se dispersam. É por meio dela que os sentidos desses enunciados são produzidos. Nele, conhece-se aquilo que é permitido e preciso dizer, “o certo regime de verdade”, a partir de uma posição ocupada.

Santos (2013) discorre sobre a caracterização que Pêcheux faz sobre as formações discursivas. Para Pêcheux, o lugar de desenvolvimento das formações discursivas é o ideológico-discursivo, em razão “das relações de dominação, subordinação e contradição em que se encontram” (SANTOS, 2013, p.22). As práticas discursivas possuem regras específicas que determinam as formações discursivas. A relação entre tempo e espaço também são determinantes nessas formações.

Face aos acontecimentos discursivos, as formações discursivas podem gerar processos diversos como de “polêmicas, identidades, continuidades e descontinuidades” (SANTOS, 2013, p.28). As formações também têm como característica a instabilidade. Ainda em conformidade com Santos, a instabilidade é proveniente da heterogeneidade presente na F.D, a qual é constantemente atravessada e invadida por diversas

enunciações que dão este caráter plural, contraditório, desigual e subordinado, Pêcheux apud Gregolin (2012).

Faz parte das propriedades das formações discursivas a movimentação das fronteiras de delimitação delas, Coutrine apud Gregolin (2012). Além delas serem um espaço de associação de enunciados e de sentidos, são também um espaço de permissão para a transformação, a rejeição ou para a refutação desses enunciados e desses sentidos. Essa movimentação é intensificada pela ação da memória discursiva (SANTOS, 2013).

Segundo Santos (2013), a memória discursiva coloca a história na formação discursiva em uma relação de regularidade e dispersão, continuidade e descontinuidade. Faz parte de suas ações silenciar, retomar, esquecer e lembrar.

A partir de Gregolin (2012), Santos explana as proposições de Pêcheux sobre memória discursiva. Para ele, ela é antes uma memória social, pois é formada por um complexo conjunto de textos que são índices legíveis. Ela gera um corpo de traços marcados por fatores sociais e históricos. Esses traços correspondem à ideologia ou as representações e crenças. Conforme Santos (2013), Gregolin (2012), a partir dessas proposições de Pêcheux, associa o conceito de heterogeneidade ao de alteridade, o que significa, a presença do discurso do outro como discurso de um outro e/ou discurso do outro, Gregolin (2012) apud Santos (2013). Assim, para Santos os traços presente na memória discursiva tornam possíveis a relação entre intradiscurso e interdiscurso. Pêcheux compreende essa memória social como existente antes e fora do indivíduo; e graças a ela há o funcionamento discursivo nas práticas de produção e interpretação de textos.

Formações ideológicas

As ações e representações condizentes com determinadas posições de classe conflitantes, constituídas por uma ou por várias formações discursivas, que se relacionam entre si e determinam o que pode e deve ser dito por um sujeito em um determinado contexto situacional, constituem uma formação ideológica, conforme Haroche, Henry e Pecheux (1971) e Santos (2013).

Santos (2013) recorre a Zandwais (2009b) para explicar o pensamento de Pêcheux acerca do papel desempenhado pela função ideológica. Para ele, ela atua nos grupos sociais de modo desigual e isso faz com que haja a possibilidade de mudança ou reprodução de valores. O referido teórico ainda observa os aparelhos do Estado como

um lugar perpetuador das relações de produção, bem como um lugar “para as relações de transformações da FIs e das FDs”, (SANTOS, 2013, p.224).

Interdiscurso, memória discursiva e intradiscurso

As formações discursivas que se relacionam formam complexos chamados de interdiscurso. Os significados próprios deles dão-se a partir da relação deles, interdiscursos, com a exterioridade, Fischer (2013). Fischer retoma a concepção de Pêcheux sobre esse assunto. Pêcheux concebe o interdiscurso como uma memória de discursos, a memória discursiva. Esta memória consiste no conjunto de já-ditos que subsidiam o dizer.

A condição para a leitura, para a compreensão, para a interpretação de um dito, de um texto é ação da memória discursiva, Pecheux (1999). Nela estão falas, expressões, relatos, citações, proposições, discursos etc. já ocorridos, já expressos, enfim, já ditos que permitem a compreensão desse novo dito, que permitem a construção do sentido, Fischer (2013).

A memória discursiva é um lugar de mobilidade das rupturas, dos desencontros, dos deslocamentos, daquilo que é retomado, que é reproduzido, do que é contraditório, Pêcheux (1999). Se os enunciados, que formam o discurso, o qual, por sua vez, constitui as formações discursivas, estão em constante movimentação, em batalha, em contradição; se os sentidos deles assim estão; logo, a memória discursiva será um lugar com essas movimentações.

O intradiscurso consiste no não-dito presente no dito, Maldidier (2011). É o que está sendo dito e não o que já foi dito. O que já foi dito pertence ao interdiscurso, Orlandi (2011) *apud* Santos (2013). Contudo, o intradiscurso é um efeito do interdiscurso, Santos (2013), isto é, o não-dito presente no dito é um efeito do já dito. Santos (2013), ao tratar sobre interdiscurso, afirma que pelo inconsciente e pela ideologia que constituem o sujeito manifestam-se os efeitos do saber discursivo.

É próprio do funcionamento do interdiscurso haver “apagamentos, esquecimentos, paráfrases, lembranças, degenerações, deturpações dos elementos” (SANTOS, 2013, p: 221 - 222) que o constituem. Assim o sentido, ou melhor, o efeito de sentido, não é originário do sujeito, ou ainda, totalmente controlado por ele. Ele é produto da relação entre interdiscurso (da memória discursiva), história e acontecimento, Santos (2013).

Análise Discursiva

A seguir far-se-á uma análise discursiva da reportagem “‘Faria tudo de novo’, diz vice que arrancou coroa de Miss Amazonas”, por Camila Henriques, publicada na página G1 AM, no dia 31 de janeiro de 2015. Ela trata sobre o posicionamento de Sheislane Hayalla quanto sua atitude no concurso de Miss Amazonas realizado no dia 30 de janeiro de 2015. Para esta análise serão observadas as condições de produção do discurso, as posições de sujeito, os efeitos de sentidos, entre outros aspectos referentes ao funcionamento do discurso.

O texto jornalístico é uma reportagem, feita a partir de uma entrevista de Sheislane Hayalla, para o jornal online do G1 AM. Esta página pertence a uma filial da rede Globo no Amazonas, a Rede Amazônica. Como tal, o conteúdo expresso nela seguirá o padrão estilístico das referidas emissoras. Este se caracteriza por uma aparente postura de neutralidade sobre os fatos noticiados, contudo, isto não é possível, pois como qualquer grupo, as emissoras estão inseridas em um tempo e em um espaço específicos. Assim, elas não podem escapar das determinações histórico-político sociais que as constituem.

O texto ainda desenvolver-se-á segundo os padrões do gênero em questão para este tipo de mídia. Isto implica em usar manchetes chamativas (apelativas), usar muitas imagens, até porque, nesse caso, ela é fundamental – em uma reportagem sobre uma atitude de protesto em um concurso de beleza, espera-se poder comparar quem era mais bela, quem era merecedora do título. A inserção dos vídeos que mostram exatamente o momento em que a Miss Amazonas teve a coroa arrancada por Sheislane atrai e prende a atenção do leitor – quem organiza o texto, organiza-o para um leitor que imagina estar curioso para ver a cena do “barraco”. O uso de memes, principalmente em um veículo digital, também seguram o leitor. Eles são imagens satíricas feitas a partir de elementos do ocorrido, e que circulam pelas redes sociais.

O título da matéria, a chamada para a reportagem, é feito a partir do próprio trecho da fala de Sheislane: “‘Faria tudo de novo’, diz vice que arrancou coroa de Miss Amazonas”. Na sequência, construiu-se o subtítulo com dois períodos separados. O primeiro anuncia: “Ao G1, Sheislane Hayalla voltou a criticar coordenação de concurso”, e segundo: “Agora, manauense afirma que pretende investir em carreira de modelo e atriz”.

A partir da disposição desses ditos, um dos efeitos de discursos que se pode ter é que a atitude de Sheislane é como de outras sub-celebridades, que aproveitam, se

não, criam situações polêmicas para alcançar ou se manter na fama. Esse é o não-dito se manifestando no já-dito. Outro enunciado que aponta para esse efeito é o do fim da matéria, em que diz: “Enquanto a fama como atriz não chega, ela se diverte com as piadas e 'memes' feitos sobre o ocorrido na sexta-feira (30)”.

Após o título e os subtítulos, há uma foto do desfile Sheislane, em traje de verão (biquíni), na noite do concurso. A imagem que abre a matéria produz um efeito que essa Miss é a protagonista da história e da reportagem. Ela reforça a imagem de uma mulher forte, confiante e superior, justa merecedora do título de Miss Amazonas 2015.



Figura 1. Sheislane Hayalla. Fonte: G1AM/foto: Marcos Dantas

Na legenda da foto há o seguinte enunciado: “Segunda colocada, Sheislane Hayalla teceu críticas à coordenação de concurso de beleza”. A palavra “teceu” sugere um efeito de sentido que as críticas foram elaboradas com muito empenho e ironiza a postura da miss. O jornal, ainda, iniciou a matéria satirizando a repercussão de Sheislane, ele diz: “Nem se tivesse se tornado Miss Amazonas, Sheislane Hayalla teria tido tanta repercussão nacional. Em menos de 24h, a manauense virou notícia e até 'meme’”. Ele segue explicando o motivo da repercussão: “O motivo: ela arrancou a coroa de Carolina Toledo, eleita a representante do estado do Amazonas, no Miss Brasil 2015, na noite de sexta-feira” (30).

O fato do jornal se referir as atitudes de Sheislane de modo irônico revela que ela e segunda colocada estão em posições ideológicas antagônicas. O jornal representa a classe conservadora, tradicional, minoritária, burguesa e dominante. Sheislane

representa a classe oposta, a massa desfavorecida e oprimida, que tenta resistir a essa opressão e que protesta.

No fim do primeiro parágrafo e continuando no próximo, têm-se trechos da entrevista de Sheislane. Ela declarou: "Faria tudo de novo" [...] Em entrevista ao G1, a modelo afirma que tirou a coroa da nova Miss Amazonas não por ter perdido o título, e sim, para protestar contra a organização do concurso.

O que eu fiz foi um ato de protesto e partiu de mim. Desde o ano passado, já tinham comentários dizendo que a menina ia ganhar o concurso. E foi o que aconteceu, sendo que tinham candidatas mais preparadas, que batalharam, emagreceram, correram atrás, conseguiram patrocínio para estar ali e nem entraram no top 5. Não me arrependo do que eu fiz, porque o que fiz não foi contra ela e sim contra a coordenação do concurso (G1, 2015, p.1).

Como se pode ver, a todo instante, Sheislane enfatiza que sua atitude foi de protesto, um protesto contra a coordenação do concurso. Uma Miss protestando? E logo da maneira mais deselegante? Perdendo a compostura? Aqui, vemos claramente um momento de ruptura no discurso da beleza e do machismo. Rompe-se com o discurso, um tanto opressor, da mulher submissa, que aguenta tudo sem reclamar, sem gritar, sem bater o pé porque não é de "bom tom". Face a um conflito, a ideologia, um dos elementos constitutivos do sujeito, a impeliu a se posicionar como tal.

Para que isso ocorresse, foi necessária uma mudança na configuração desse contexto. Até a revelação da vencedora do concurso, Sheislane mantinha-se submissa ao discurso de como deve ser a postura de uma miss; sua posição de sujeito era essa. Como ela mesma afirma na entrevista, sabia que possivelmente Carolina Toledo seria a vencedora. E mesmo assim, continuou na disputa, submetendo-se, ao que segundo ela, era um tratamento diferencial entre as candidatas. Contudo, como seu desejo não foi realizado, ela assume outra posição, a de injustiçada; e outra atitude, a de rebeldia e de protesto. Esta contradição faz parte do sujeito e se manifesta nas suas palavras e ações.

Depois, Sheislane se defende de acusações como intenção de roubar a coroa e de estar com recalque: "Se [tirar a coroa da vencedora] fosse 'recalque' da minha parte, como estão falando, porque eu não fiz escândalo no Miss Internacional? Por que até hoje sou amiga da primeira colocada? Analisaram a situação sem saber o que acontecia nos bastidores". Nesse trecho, Sheislane, sai da posição de autora de uma atitude moralmente inadequada, e passa a ocupar o de vítima de fofocas e calúnia. Novamente, observa-se o embate social por meio da linguagem.

Um vídeo é exposto, o do momento em que Sheislane tira a coroa da Miss Amazonas 2015. A entrevista segue questionando se a atitude da segunda colocada seria um ato planejado; ela nega. Segundo a mesma, não sendo um ato planejado, ainda sim recebeu apoio das demais candidatas. Ela relatou:

Todas as candidatas, no momento em que acabou a coroação, aplaudiram. Depois, foram ao camarim e falaram que eu fiz o que elas queriam fazer e não tinham coragem [...]. Nos maquiemos no banheiro escuro, enquanto [a Carol] estava em uma sala separada, com maquiador, ar-condicionado...(G1, 2015, p.1)

Sheislane ocupou o lugar de sujeito ao fazer frente contra uma situação de desigualdade e opressão. A jovem se posicionou contra outro sujeito, contra a coordenação do concurso. Ela assumiu uma luta, que era a luta de outras miss, de outras mulheres, de outras pessoas que se sentem em situação de desigualdade e opressão. O seu discurso remete a outros e, por isso, possui sentido. O esquecimento de qual somos dotados, contudo, faz com que ela pense que foi a partir dela mesma que partiu essa atitude.

Esses conflitos sempre existiram no mundo feminino, no mundo da beleza, da moda e dos concursos. Contudo, sempre se buscou escondê-los, esquecê-los, calá-los. Agora, eis que houve um rompimento, mas ele não veio aleatoriamente, as condições de agora são mais propícias. Desde as greves de 2012, as manifestações de junho, inúmeros casos de protestos vêm ocorrendo e permitem que outros mais surjam.

Com toda essa atitude de protesto, o sujeito em questão ainda traz consigo marcas de discursos tradicionais sobre ética e moralidade. Ela oscila em seu posicionamento em relação à Miss Amazonas 2015, Carol Toledo. Após a imagem de um vídeo amador sobre o momento da coroação e da descoroação da Miss Amazonas 2015, Sheislane é questionada quanto a sua relação com a vencedora do concurso - ela diz ser boa. Ela afirmou:

No concurso, a gente tinha uma convivência boa, até com a Carol, mas ela chegava e ficava no canto dela. Ela falava pouquíssimo com as outras. Não falei com ela depois do concurso. Desejo para a Carol boa sorte no Miss Brasil, que ela represente muito bem o nosso estado. Ela é uma candidata bonita, mas tinha melhores. Mas quem sou eu para julgar? (G1, 2015, p.1).

Nesse ponto, vemos várias vezes a contradição no sujeito. Carol era “boa”, mas “chegava e ficava no canto dela”. Ela falava pouquíssimo com as outras [...] “Era bonita, mas tinha melhores”. Por essas contraposições, verifica-se um sujeito dividido

entre ter sentimentos e atitudes pacifistas, morais, éticas; e aquele que quer dar vazão ao sentimento de inconformidade e que quer justiça.

A jovem ainda fala de seus planos vindouros: "Logo que entrei no concurso, já tinha comunicado para o coordenador que seria meu último ano em concursos de beleza e que eu queria continuar investindo na minha carreira de atriz e de modelo. Eu pretendo continuar. Quem sabe não apareçam mais papéis?". A partir da enunciação "Quem sabe não apareçam mais papéis?", questiona-se: Será que a atitude de Sheislane foi algo planejado para aparecer na mídia? Para ser encenado? Esses são efeitos de sentidos possíveis.

A matéria finaliza retratando alguns dos memes que foram feitos inspirados na segunda colocada do Miss Amazonas 2015. Há um meme em que montaram a foto de Sheislane tentando tirar a coroa da rainha Elizabhet. Os memes foram motivos de muita graça nas redes sociais. O "barraco" foi mais chamativo que a possível causa dele, a corrupção. Esse foi outro efeito produzido pelo texto.

Infelizmente, muitas coisas sérias no Brasil ainda não são tratadas como tal, são banalizadas, esquecidas ou são recalçadas e silenciadas mesmo. Como se pode observar pela análise do texto, predominou-se a exploração da polêmica, do barraco e do sensacionalismo, mas não se explorou sobre a veracidade de injustiça. Só há as acusações de Sheislane, somente há exposição e até um possível desgaste da imagem dela.

A única referência ao possível responsável por essa injustiça e talvez por corrupção é feita por meio do substantivo "coordenação", "coordenação do concurso". O nome do coordenador nunca é citado. Isso tanto pode ser por questões de proibição judicial, quanto por questões de interesse, por parte do jornal, em não expor o coordenador. A própria Sheislane, enquanto sujeito, pode estar se assujeitando a isso para não ter que arcar com mais problemas. Enquanto as falas da miss dão efeito de proximidade com o leitor e a expõe mais, o uso do termo "coordenação" produz o efeito de distanciamento entre o leitor e o possível causador da injustiça; até mesmo, produz o esquecimento de quem seja este.

Conclusão

A análise do discurso possibilita a compreensão do funcionamento discursivo. Ela fornece instrumentos teórico-metodológicos para uma melhor apreensão de determinado acontecimento discursivo. Por meio dela, observa-se as relações sociais; as

relações entre linguagem, ideologia e inconsciente; o homem produzindo sentido e fazendo história.

Referências

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ª Ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, LUCIANO (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 123-152.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Traduzido por Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2009a.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e reprodução de identidades*. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br>> Acesso em 22 de Fevereiro de 2012.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. *La Semantiqué et la coupure saussurienne: langue, language, discours*. *Languages*, v. 6, n.24, 1971, p. 93-106.

HENRIQUES, Camila. “‘Faria tudo de novo’, diz vice que arrancou coroa de Miss Amazonas”. Disponível em:<[http g1.globo.com](http://g1.globo.com). > Acesso em: 28. 02.2015.

MALDIDIER, Denise. *A inquietude do discurso. Um projeto na história da análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux*. In: PIOVEZANIE, CARLOS; SARGENTINI, VANICE (orgs.). *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011, p 39-62.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *O papel da memória*. In: ACHARD, PIERRE (org.). *Papel da memória*. Trad.: Jose Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p.50-58.

SANTOS, Sônia Sueli Berti. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 209-234.